



VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **As construções existenciais na fala e na escrita.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.* Volume 14, Dezembro 2013. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

AS CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS NA FALA E NA ESCRITA

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (UFAL)¹

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos uma análise comparativa das realizações das construções existenciais em amostras de fala culta e escrita acadêmica. Para a descrição e análise dos dados, utilizamos a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), associada a estudos linguísticos recentes sobre as construções existenciais no português brasileiro (AVELAR, 2006a,b; AVELAR; CALLOU, 2007, 2011). Os resultados mostram que, na fala culta, *ter* é o verbo existencial canônico, passando *haver* a figurar com índices muito próximos dos verbos existenciais substantivos, como é o caso de *existir* e essa preferência por *ter* favorece a implementação de construções existenciais com *ter pessoal* tanto na fala quanto na escrita. Na escrita acadêmica, por sua vez, *haver* é o verbo existencial preferido, mostrando que há uma recuperação, de maneira expressiva, de uma variante praticamente ausente da fala e uma implementação, embora sutil, do verbo *ter*.

PALAVRAS-CHAVE: construções existenciais; língua falada; língua escrita.

ABSTRACT

In this paper, we present a comparative analysis of the achievements of existential constructions in samples cultured speech and academic writing. For description and analysis of the data, we use the Theory of Variation and Change (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]), associated with recent linguistic studies about existential constructions in Brazilian Portuguese (AVELAR, 2006a, b; AVELAR; CALLOU, 2007, 2011). The results show that, in the cultured speech, *ter* is the canonical existential verb, passing *haver* to feature indices close to the nouns existential verbs, as it is the case of *existir* and that preference by *ter* favors the implementing of existential constructions using *ter pessoal* both in speech and in writing. In academic writing, in turn, *haver* is the preferred existential verb,

1. Professora da Universidade Federal de Alagoas. elyne.vitorio@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil, sob a supervisão da Prof^a Dr^a Maria Eugênia Lammoglia Duarte.

indicating that there is a recovery, more significantly, of a variant virtually absent in the speech and an implementation, although subtle, of the verb *ter*.

KEYWORDS: existential constructions; spoken language; written language.

Introdução

Estudos linguísticos tendem a apontar que, no português brasileiro falado, *ter* é o verbo existencial canônico (CALLOU; AVELAR, 2000; DUTRA, 2000; SILVA, 2001; DUARTE, 2003; MARTINS; CALLOU, 2003; VITÓRIO, 2011, 2012a). Essas pesquisas mostram que, apesar do alto percentual de uso de *ter existencial* na língua falada, há fatores que ainda favorecem o uso de *haver* em construções existenciais, a saber, argumento interno com traço [+ abstrato], verbo no tempo passado, falantes mais velhos e mais escolarizados.

Na língua escrita, devido ao conservadorismo linguístico a que tende essa modalidade de uso da língua, *haver* é o verbo existencial canônico. No entanto, estudos de Callou e Duarte (2005), Avelar (2006b) e Vitório (2012b) já mostram a implementação de *ter* na escrita padrão. Na escrita escolar, por sua vez, verificamos, conforme Vitório (2010), que é o verbo *ter* que predomina – 64% *versus* 36% de *haver*, mas, com o aumento do nível de escolarização dos alunos, há um aumento no percentual de uso de *haver*.

Neste estudo, descrevemos e analisamos as construções existenciais formadas com os verbos *ter*, *haver*, *existir* e *ter pessoal* em dados de fala culta e escrita acadêmica. Nosso objetivo é observar como esses verbos se comportam nessas duas modalidades de uso da língua, buscando evidências da implementação, na escrita, de mudanças observadas na fala e, ao mesmo tempo, refletir sobre a forma como a língua escrita tende a recuperar formas que já não fazem parte dos dados a que a criança está exposta durante a aquisição da linguagem.

Nosso trabalho está dividido da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos os estudos que serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa; em seguida, caracterizamos os dados analisados, o aporte teórico e as amostras utilizadas neste estudo; e, por fim, apresentamos a descrição e análise dos dados, mostrando os resultados da análise variável com os grupos de fatores potencialmente relevantes nas realizações das construções existenciais na fala e na escrita.

2. Sobre as construções existenciais

No trabalho *Sobre a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais no português brasileiro*, Avelar e Callou (2007) argumentam que a entrada do verbo *ter* em contextos existenciais, que ocorreu em algum momento do século XIX, teve início entre os chamados “contextos opacos”, ou seja,

em construções interpretadas como existenciais pelos falantes do português brasileiro contemporâneo, mas que, na verdade, consistem em verdadeiras construções possessivas, conforme podemos observar na construção (1).

(1) ...e asim diserão elles doadores que tinhão e em caza tres crianças emgeitadas que elles criarão Manoel Jozeph Pascoal os quais emcomendão aos **Religiozos** seos herdeiros os tenhão debaixo de sua propteção e os dotrinem como filhos juntamente com os **mamalucos forros que em sua caza tem**, em fé do qual assim o outrogarão,... – 1632 (Extraído de Avelar e Callou, 2007, p. 385)

Segundo os autores, para um falante do português europeu contemporâneo, essa construção seria interpretada como possessiva, sendo possível indicar um sujeito para *ter* – os *Religiozos*, mas para um falante do português brasileiro contemporâneo, a interpretação preferencial e talvez a única seria existencial. O mesmo “equivoco” pode ocorrer quando um falante do português brasileiro contemporâneo se defronta com uma construção do tipo (2) pronunciada por um falante do português europeu contemporâneo, em que a sentença **tinha uns bancos de madeira** pode ter como sujeito nulo correferente **uma tasca** ou **aquela tasca**.

(2) e depois fomos para **UMA TASCA**, meu, que era espectacular. então é **AQUELA TASCA** que eu já te contei, que era: tipo u[...], uma garagenzinha, estás a ver, e **tinha uns bancos de madeira**, tipo, umas tábuas de madeira em cima de tijolos (Década de 90 / Faixa Etária 1 – Culto) (Extraído de Avelar e Callou, 2007, p. 385)

Tendo em vista esses dados, Avelar e Callou (2007) argumentam que tal “equivoco” está relacionado às restrições ao sujeito nulo. Com a redução do paradigma flexional no português brasileiro, o sistema perde a categoria *pro-referencial*, o que impossibilita ao falante atribuir uma interpretação possessiva ao sujeito nulo das sentenças formadas com *ter pessoal*, havendo, assim, uma reanálise das construções possessivas em construções existenciais, uma vez que estas dispensam a instanciação de um sujeito pleno e, em seguida, a perda de *pro-expletivo* contribui para a supressão de *haver* no sistema linguístico.

Para reforçar a proposta de Avelar e Callou (2007), Marins (2013) mostra, em comparação com os dados de Duarte (1993, 1995), que à medida que os sujeitos pronominais de referência definida aparecem cada vez mais expressos, sobem também os percentuais de uso de *ter* em construções existenciais, ou seja, as construções existenciais com *ter* aumentam juntamente com as construções

com sujeitos referenciais definidos plenos, enquanto as construções com *haver* diminuem na mesma medida que as sentenças com sujeito nulo.

Segundo Avelar (2006a), a baixa frequência de *haver* e as restrições ao seu uso em alguns contextos existenciais, como *Teve/??Houve muitos docinhos na festa que a Maria deu*, são resultados do fato desse verbo ter deixado de compor o acervo de itens funcionais e migrado sua matriz para o acervo de itens substantivos, residindo ao lado de itens como *existir*, *acontecer* e *ocorrer*. Tal mudança acarretou na especialização semântica das construções existenciais, o que não ocorre com *ter*, que é um verbo semanticamente neutro, não sendo, assim, mais possível, no português brasileiro, falar em variação *ter* e *haver* como competição entre duas formas funcionais.

A variação *ter* e *haver* em construções existenciais no português brasileiro seria, de acordo com Avelar (2006b), “desencadeada pela ‘alimentação’ da **gramática periférica** no processo de escolarização (em oposição à **gramática nuclear**, construída no processo natural de aquisição da linguagem [...])” (p. 101), não havendo, na gramática internalizada dos falantes, tal variação, com o verbo *ter* ocupando o posto de existencial canônico.

[...] existem, de um lado, construções existenciais canônicas, construídas com o verbo *ter*, de outro lado, aparecem construções existenciais mais gerais, de uso normalmente apresentacional, com verbos como *haver*, *aparecer*, *acontecer*, *surgir*, etc. Assim, não estamos diante de uma variação a ser capturada como um fato de gramática interna do falante, a sua gramática nuclear, mas simplesmente de um padrão frásico do português contemporâneo que elege como a sua forma verbal prototípica o verbo *ter*. No âmbito da gramática naturalmente internalizada, portanto, não existe variação entre dois verbos existenciais no português brasileiro, mas entre um padrão canônico de gerar uma sentença existencial, para qual se recorre a um verbo funcional, e outros padrões diferenciados, com valores semântico-pragmáticos diversos que se valem de verbos não-funcionais. (AVELAR, 2006b, p. 116).

O alto percentual de uso de *haver*, na escrita, se justificaria não por ser “um reflexo de procedimentos internos à gramática nuclear, mas do provimento da gramática periférica por elementos de prestígio na língua escrita” (AVELAR, 2006b, p.118). A escolarização exerceria um papel fundamental na manutenção/recuperação de *haver*, tendo em vista que um dos objetivos do ensino de língua portuguesa é ensinar as normas da escrita mais padronizada, procurando “recuperar as perdas linguísticas,

uma vez que as inovações são apropriadas para a fala, mas não para a escrita” (KATO, 2005, p. 136). *Haver* seria um verbo existencial funcional da escrita, ainda que não rechace por completo o uso de *ter*.

Aspectos teórico-metodológicos

O que propomos, neste estudo, é uma análise comparativa das construções existenciais formadas com os verbos *ter*, *haver* e *existir*, como observamos em (3), (4) e (5), em dados de fala culta e escrita acadêmica, com o objetivo de verificar como esses verbos se comportam nessas duas modalidades de uso da língua.

(3) Não *tem* livro de sintaxe na biblioteca.

(4) Não *há* livro de sintaxe na biblioteca.

(5) Não *existe* livro de sintaxe na biblioteca.

Também consideramos, na análise quantitativa dos dados, as construções existenciais formadas com o verbo *ter pessoal*, ou seja, construções que apresentam DPs plenos na posição estrutural de sujeito, mas que não apresentam, a priori, uma semântica possessiva, sendo esses DPs tanto lexical, como (6), quanto pronominal – nulo ou pleno, como (7).²

(6) **A biblioteca** não *tem* livro de sintaxe.

(7) **Você** não *tem* livro de sintaxe na biblioteca.

Incluimos também no rol das construções com *ter pessoal* as sentenças formadas com o verbo *ter* mais clítico *se*, como (8), tendo em vista que essas construções, dependendo da composição de sentido determinado pelos termos da sentença, também se prestam à expressão de existência, podendo ser parafraseadas com o verbo *haver*, como (9).³

(8) Não **se** *tem* livro de sintaxe na biblioteca.

(9) Não *há* livro de sintaxe na biblioteca.

2. Em sentenças do tipo *A biblioteca não tem livro de sintaxe* se estabelece uma relação possessiva do tipo possessiva locativa. No entanto, seguindo a análise de Duarte (2003), acreditamos que embora sentenças desse tipo sejam classificadas como possessivas, no fundo, equivalem a existenciais, pois parece que a ideia de existência se sobrepõe à ideia de posse.

3. Saraiva (2013) argumenta que a construção *tem-se* no português brasileiro, como *Tem-se, tão somente, uma relação semântica*, está passando por um processo de gramaticalização, em que a forma verbal *tem se* cristaliza com o clítico *se* em uma construção semelhante a construções com *se* em construções de indeterminação do sujeito, podendo, assim, ocorrer em contextos em que também ocorre o verbo *haver* em construções existenciais.

O quadro teórico que norteia esta pesquisa inclui um modelo de estudo da mudança linguística – a Teoria da Variação e Mudança proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) – associado a estudos linguísticos sobre as construções existenciais no português brasileiro (AVELAR, 2006a; AVELAR; CALLOU, 2007). O intuito é explicar que a implementação de *ter* em construções existenciais tem relação com a remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no português brasileiro, ocasionando, assim, uma mudança no estatuto categorial de *haver*. Tal verbo teria passado de verbo existencial funcional a verbo existencial substantivo, como é o caso de *existir*. Assim o verbo *ter* passou a ser o existencial canônico, favorecendo a implementação de construções existenciais com *ter pessoal*.

Também consideramos a proposta de Kato (2005), que argumenta que, no português brasileiro, há um descompasso entre a gramática adquirida durante o processo natural de aquisição da linguagem e a gramática que orienta o ensino formal, gerando uma enorme distância entre a gramática da fala e a “gramática” da escrita. Assumimos também a proposta de Avelar (2006b) que aponta ser o verbo *haver* uma forma gramatical aprendida mais tardiamente, não fazendo parte da gramática internalizada dos falantes do português brasileiro. Logo, a variação *ter* e *haver* em construções existenciais seria reflexo da competição entre duas gramáticas.

Para a análise da língua falada, utilizamos uma amostra sincrônica da fala culta de 24 informantes alagoanos, servindo o adjetivo “culto” apenas para marcar a fala de indivíduos com curso superior completo. Nossa amostra foi coletada no período de fevereiro a julho de 2010 e está estratificada de acordo com as variáveis faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e sexo – masculino e feminino (Cf. VITÓRIO, 2012a).

Para a análise da escrita acadêmica, utilizamos uma amostra sincrônica composta de 10 dissertações/teses, pertencentes às áreas de humanas, saúde e exatas e defendidas na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), durante o período de 2005 a 2010. Esses trabalhos estão disponíveis no banco de dados de teses e dissertações da UFAL e, para nosso estudo, foram estratificados de acordo com a variável sexo – masculino e feminino.

Utilizamos, para o processamento quantitativo dos dados, o programa computacional GOLD-VARB X e controlamos os seguintes grupos de fatores, a saber, tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, ausência *versus* presença de elementos à esquerda do verbo, tipos de preenchedores à esquerda do verbo, faixa etária e sexo.

3. Descrição e análise dos dados

3.1. Resultados gerais

Na língua falada, obtivemos 381 construções existenciais, das quais 223 exibiam o verbo *ter*, 32 o verbo *haver*, 27 o verbo *existir* e 99 o verbo *ter pessoal* (Cf. VITÓRIO, 2013).⁴ Na língua escrita, computamos 487 construções existenciais, das quais 21 exibiam o verbo *ter*, 298 o verbo *haver*, 105 o verbo *existir* e 63 o verbo *ter pessoal*. O gráfico 1 abaixo ilustra os percentuais obtidos para cada forma verbal nas duas modalidades analisadas.

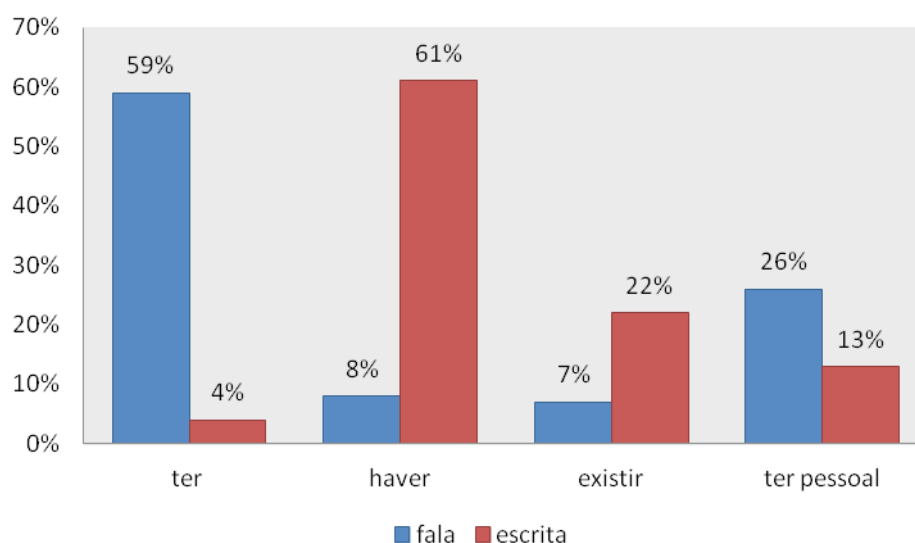


Gráfico 1: Percentuais das construções existenciais na fala e na escrita

Esses resultados mostram, como já esperávamos, que as frequências de *ter* e *haver* são diametralmente opostas na fala e na escrita. Na fala, o verbo *ter* é realizado em 59% das construções existenciais, mas não passa de 4% na escrita, enquanto o verbo *haver*, na escrita, apresenta um percentual de 61%, mas atinge apenas 8% na fala, indicando que, em termos de frequência de uso, *ter* é o verbo existencial preferido na fala culta alagoana, mas, na escrita acadêmica, *haver* é o verbo existencial selecionado. De modo geral, esses dados revelam que, na escrita acadêmica, há uma recuperação, de maneira expressiva, de uma variante praticamente ausente da fala e uma implementação, embora sutil, do verbo *ter existencial*.

Os 4% de uso de *ter* na língua escrita representam 21 construções existenciais, das quais 17 ocorreram em contextos de transcrições da língua falada, como (10) e (11), e apenas 4 realizações

4. Os dados de língua falada aqui apresentados foram retirados do estudo de Vitório (2013) – *As construções existenciais e a representação do sujeito pronominal*.

representam, de fato, o uso de *ter* na escrita acadêmica, como (12) e (13). Esses dados mostram que, apesar de *ter*, na língua falada, ser o verbo existencial canônico, na língua escrita, devido à pressão normativa, há restrições ao seu uso, sendo produzido, em maior escala, em contextos que procuram representar a língua falada. Nossos resultados corroboram os dados de Avelar (2006b) e Vitória (2012b), que mostram que a necessidade de inserir marcas da oralidade é o fator condicionador do uso de *ter* na escrita padrão.

(10) Olha, meu filho, quando eu vou pro médico, eu vou pra Arapiraca, lá nós chega mais fácil e *tem* mais médico pra atender a gente. (1PGM)

(11) Mas não é porque eu trabalho com adolescentes que eu vou deixar os adultos se perder, certo? Então sempre *tem* algo, algo para fazer a gente fazer. (5PGF)

(12) Para melhor compreensão dessa questão veja-se, por exemplo, o negro no Brasil. *Teve* variantes que não levaram em conta a estrutura do capitalismo, e o movimento tinha por cerne a problemática da chamada negritude. (2PGM)

(13) A luta das pessoas com deficiência por direitos é legítima, mas *tem* resultados focalizados, fragmentados e individuais, portanto a luta não pode e não deve ser somente desse segmento, mas da sociedade de um modo geral [...]. (4PGF)

O alto percentual de *ter* e a quase não realização de *haver* na língua falada tendem a confirmar a hipótese de Avelar (2006a) de que, no português brasileiro, *haver* teria deixado de compor o acervo de itens funcionais e passado a verbo existencial substantivo, residindo ao lado de itens lexicais/substantivos de função apresentacional, como é o caso dos verbos *ocorrer*, *acontecer*, *existir*, etc. Com relação ao verbo *existir*, como (14) e (15), na qualidade de verbo existencial substantivo, obtivemos, em consonância com o que esperávamos, um percentual de 7% na fala, mas, na escrita, assim como ocorre com o verbo *haver*, há um aumento no seu percentual de uso, passando a apresentar um índice de realização de 22%.

(14) eu sou esposa do dono do proprietário daqui e aqui é:: – a precariedade – em virtude de que não *existe* uma estrutura. (L14L795)

(15) No entanto, em alguns problemas, como no estudo da instabilidade estrutural, não *existe* essa proporcionalidade. (4PGM)

Nossos dados também mostram que, na fala, ao evitar o uso de *ter*, o falante tende a não utilizar *haver* ou *existir*, mas *ter* em estruturas pessoais, como (16) e (17), o que nos fornece um percentual de 26%. Se considerarmos, na análise da língua falada, o conjunto de construções formadas com os verbos *ter* e *ter pessoal*, obtemos um percentual de 85% dos dados contra apenas 15% de *haver* e *existir*. Na escrita, por sua vez, devido à pressão normativa, há um predomínio de *haver* e, em seguida, o uso de *existir*. A quase não realização de *ter* está associada ao fato de que há uma tendência, nos manuais normativos, a condenar tal uso. No entanto, o uso de construções existenciais com *ter pessoal*, como (18) e (19), não sofre tal condenação, o que justificaria seu percentual de uso de 13% na língua escrita.

(16) por isso eu digo – **você** não *tem* profissionais pra isso (L47L1781)

(17) em Maceió o que **eu** *tenho* é uma área voltada ao turismo pouco industrializada /mais, mas/ eu digo é uma cidade em crescimento (L30L1205)

(18) A partir de Paiva (2003), *temos* um histórico da Educação de Jovens e Adultos em si, cujo processo nem sempre partiu de iniciativas de educação popular [...]. (2PGM)

(19) Para que **se** *tenha* uma eficiência ideal em uma CSNS seria necessário minimizar as perdas por recomposição [...]. (3PGM)

A emergência dessas construções, na fala e na escrita, pode ser entendida, seguindo a proposta de Avelar e Callou (2011), como uma tendência do português brasileiro a preencher a posição de sujeito tanto por elementos argumentais quanto não-argumentais – condição anti-V1 (Cf. KATO; DUARTE, 2003).⁵ Tal tendência teria contribuído para a supressão de *haver existencial*, tendo em vista que esse verbo, apesar de dispor de uma posição estrutural para a realização de um sujeito gramatical – *pro-expletivo*, não aceita a realização de elementos lexicais em tal posição, diferentemente de *ter*, como podemos observar em (20) e (21).

(20) de um lado **você** *tem* regiões muito ricas como a Ponta Verde o Farol o Aldebaran é:: alguns conjuntos na Serraria [...] (L58L2343).

(21) * de um lado **você** *há* regiões muito ricas como a Ponta Verde o Farol o Aldebaran é:: alguns conjuntos na Serraria [...] (L58L2343).

5. Avelar e Callou (2007), seguindo a proposta de Kato e Duarte (2003), argumentam que a emergência de construções existenciais formadas com o verbo *ter pessoal*, como *Você tem prédios lindos em Londres*, decorre do fato de que, no português brasileiro, há uma tendência a não apresentar o verbo em primeira posição absoluta – condição anti-V1.

Esses resultados mostram que o indivíduo letrado elege *ter* para a expressão de existência na fala, mas, ao escrever, utiliza *haver*, que é usado esporadicamente na fala. Na língua escrita, a pressão normativa em favor de *haver* coloca esse verbo como primeira opção, recuperando com êxito uma variante distante da fala. Para Kato (2005), a língua escrita tende a recuperar quantitativamente formas linguísticas que já não fazem parte dos dados a que a criança está exposta durante o processo natural de aquisição da linguagem.

Constatamos que *haver*, na língua escrita, é a variante de prestígio, enquanto *ter* é o verbo existencial preferido na língua falada. Nessa modalidade, *haver* passou a figurar com índices muito próximos dos verbos existenciais substantivos, como é o caso do verbo *existir*. Essa preferência por *ter* tende a favorecer a implementação de construções existenciais formadas com o verbo *ter pessoal*, tanto na língua falada quanto na língua escrita.

Passemos agora à análise dos grupos de fatores linguístico e sociais que condicionam o uso dessas construções na fala e na escrita. Primeiro, apresentamos os resultados das variáveis linguísticas, a saber, tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, ausência *versus* presença de elementos à esquerda do verbo e tipos de preenchedores à esquerda do verbo, e, por fim, apresentamos os resultados da variável extralinguística faixa etária.

3.2 .Variáveis linguísticas

Estudos linguísticos sobre as realizações dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais no português brasileiro tendem a apontar a relevância das variáveis tempo verbal e especificidade semântica do argumento interno (CALLOU; AVELAR, 2000; DUARTE, 2003; VITÓRIO, 2010, 2011, 2012a; MARINS, 2013). Os resultados dessas pesquisas evidenciam, de maneira sistemática, que o uso de *haver* é fortemente condicionado pelo verbo no tempo passado e pelo argumento interno com o traço [+ abstrato].

Em nosso estudo, obtivemos, conforme podemos observar na tabela 1 e nos gráficos 2 e 3, os seguintes resultados para a variável tempo verbal:

	LÍNGUA FALADA				Total
	Presente Apli. / Perc.	Perfeito Apli. / Perc.	Imperfeito Apli. / Perc.	Outros Apli. / Perc.	
Ter	178 / 80%	13 / 6%	21 / 9%	11 / 5%	223
Haver	14 / 44%	9 / 28%	5 / 16%	4 / 12%	32
Existir	27 / 100%	-	-	-	27
Ter pessoal	78 / 79%	8 / 8%	7 / 7%	6 / 6%	99
	LÍNGUA ESCRITA				Total
	Presente Apli. / Perc.	Perfeito Apli. / Perc.	Imperfeito Apli. / Perc.	Outros Apli. / Perc.	
Ter	14 / 67%	2 / 9%	4 / 19%	1 / 5%	21
Haver	180 / 60%	37 / 13%	14 / 5%	67 / 22%	298
Existir	91 / 87%	-	6 / 6%	8 / 7%	105
Ter pessoal	55 / 88%	2 / 3%	4 / 6%	2 / 3%	63

Tabela 1: As construções existenciais na variável tempo verbal

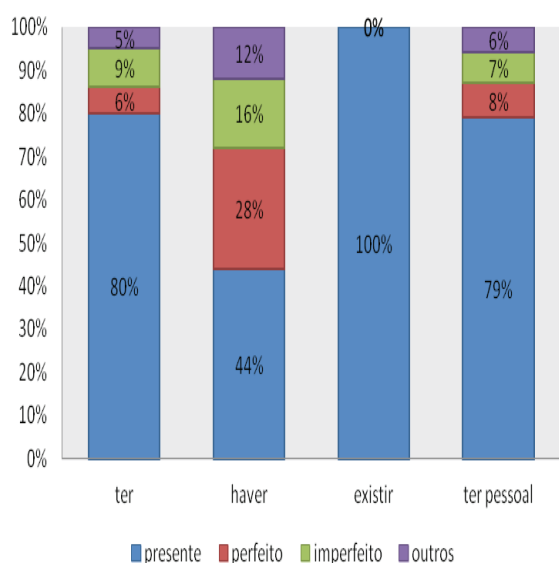


Gráfico 2: Língua falada versus tempo verbal.

Fonte: Vitório (2013, p. 80)

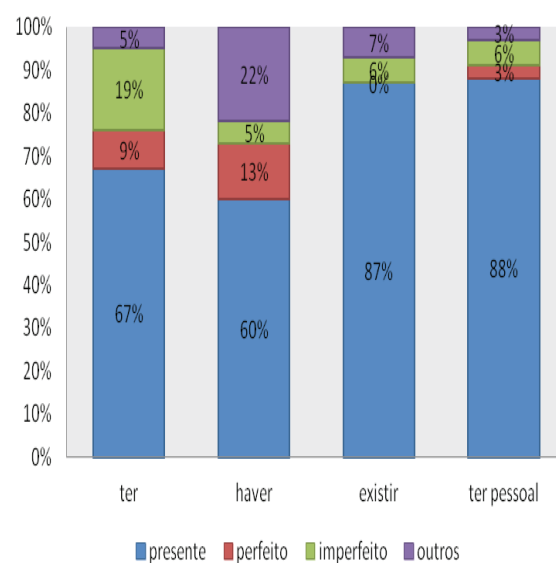


Gráfico 3: Língua escrita versus tempo verbal

Esses dados mostram que fala e escrita apresentam certa regularidade no uso dessas construções e que o tempo presente concentra o maior número de realizações nas duas modalidades. Também observamos que, na língua falada, enquanto *ter*, *existir* e *ter pessoal* apresentam, no presente, índices de 80%, 100% e 79%, respectivamente, *haver*, apesar da baixa ocorrência, apresenta um percentual de 44% e aumenta sua frequência de uso no pretérito perfeito – 28% e pretérito imperfeito – 16%, como observamos em (22) e (23). Ao considerarmos o conjunto de realizações de *haver* no tempo passado, obtemos um percentual de 44%, mostrando que esse tempo verbal tende a ser mais favorável ao uso de *haver* na fala, conforme pontuam os estudos linguísticos. Outro fato a destacar é que as poucas realizações de *existir*, na fala, são restritas ao tempo presente, como observamos em (24).

(22) *houve* uns dois crimes aí que chocaram um pouco (L31L1416)

(23) eu *fazia* hidroginástica e comecei a sentir um mal estarzinho aí – sim – como já *havia* o histórico da família porque a minha mãe já tinha feito aí os médicos acharam melhor investigar né? (L54L2045)

(24) porque *existe* n pessoas lhe observando para lhe assaltar – até na porta do seu prédio (L14L792)

Em relação à variável especificidade semântica do argumento interno, obtivemos, conforme a tabela 2 e os gráficos 4 e 5, os seguintes resultados:

	LÍNGUA FALADA		
	[- abstrato] Aplic. / Perc.	[+ abstrato] Aplic. Perc.	Total
Ter	64 / 29%	159 / 71%	223
Haver	4 / 12%	28 / 88%	32
Existir	8 / 30%	19 / 70%	27
Ter pessoal	35 / 35%	64 / 65%	99
	LÍNGUA ESCRITA		
	[- abstrato] Aplic. / Perc.	[+ abstrato] Aplic. Perc.	Total
Ter	3 / 14%	18 / 86%	21
Haver	33 / 11%	265 / 89%	298
Existir	28 / 27%	77 / 73%	105
Ter pessoal	10 / 16%	53 / 84%	63

Tabela 2: As construções existenciais na variável especificidade semântica do argumento interno

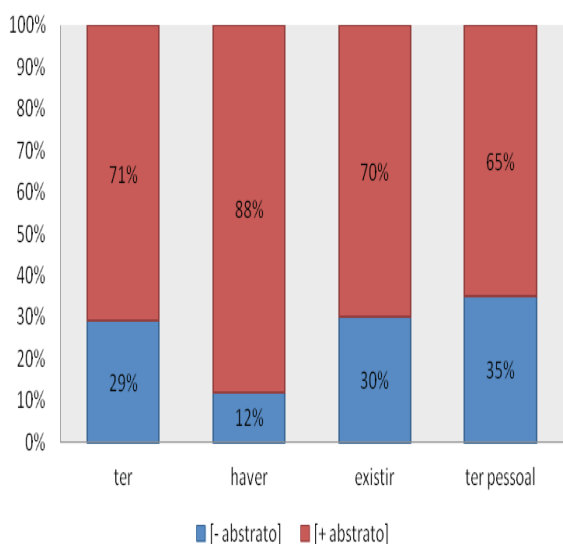


Gráfico 4: Língua falada versus especificidade semântica do argumento interno. Fonte: Vítório (2013, p. 81)

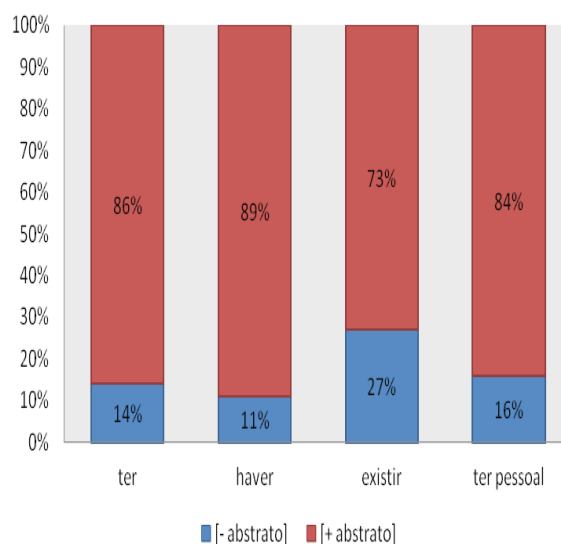


Gráfico 5: Língua escrita versus especificidade semântica do argumento interno

De acordo com os dados obtidos, verificamos claramente que, tanto na fala quanto na escrita, *haver* apresenta o mesmo comportamento linguístico, o verbo *existir* também apresenta o mesmo comportamento nas duas modalidades. Quanto aos usos de *ter* e *ter pessoal*, verificamos que, apesar dessas construções apresentarem, na fala e na escrita, o mesmo comportamento, na escrita, há uma redução no uso desses verbos quando o argumento interno apresenta o traço [- abstrato], como (25) e (26).

(25) Na São Martinho, quando *tinha* 12 mil trabalhadores, a usina moía quatro

milhões de toneladas de cana; no ano que vem [moeria] sete milhões [...]. (2PGM)
 (26) Essas gerações eram muito melhores do que a de hoje, como gente melhor do que *se tem* hoje. (2PGM)

Nossos dados também evidenciam, em consonância com o que esperávamos, que o uso de *haver* tende a ser mais frequente quando o argumento interno apresenta o traço [+ abstrato], apresentando percentuais de 88% na fala e 89% na escrita, como (27) e (28). No entanto, observamos que, na língua escrita, esse fator vai perdendo a força como contexto favorecedor de *haver*, tendo em vista que os verbos *ter* e *ter pessoal* apresentam, respectivamente, percentuais de 86% e 84%.

(27) – por trás desse empreendimento *há* um interesse de captar verba (L5L2363)
 (28) *Há* essa percepção ampla, meio dissonante, pois o homem letrado no conto é receoso e se vê diante do homem rural [...]. (5PGM)

Para a análise da variável ausência *versus* presença de elementos à esquerda do verbo, partimos do pressuposto de que as construções existenciais, apresentando uma ordem mais fixa – V DP⁶ (COELHO, 2000; SPANO, 2002), seriam estruturas com uma posição à esquerda de V disponível ao preenchimento por elementos diversos, tendo em vista que há, no português brasileiro, uma tendência a não apresentar o verbo em primeira posição absoluta (KATO; DUARTE, 2003). Dessa forma, teríamos, segundo Duarte e Kato (2008) e Berlinck, Duarte e Oliveira (2009), não só a presença de sintagmas adverbiais, marcadores discursivos, negação e pronomes relativos na posição pré-verbal, mas também a presença de DPs plenos.

Em primeiro lugar, destacamos, conforme a tabela 3, o alto percentual de elementos periféricos na posição à esquerda do verbo tanto na língua falada – 85% quanto na língua escrita – 84%. Esses resultados mostram que fala e escrita apresentam um mesmo comportamento linguístico em relação à tendência a não apresentar o verbo em primeira posição absoluta, corroborando, assim, a proposta de Kato e Duarte (2003).

6. V DP significa uma ordem que apresenta um verbo (V) mais um sintagma nominal, sendo esse sintagma representado pela categoria sintagmática DP (Determiner Phrase).

	Fala		Escrita	
	Aplic. / Total	%	Aplic. / Total	%
Ausência de preenchedor	58 / 381	15%	78 / 487	16%
Presença de preenchedor	323 / 381	85%	409 / 487	84%

Tabela 3: Ausência versus presença de elementos à esquerda do verbo¹

Por fim, vejamos, na tabela 4, que elementos estão ocupando a posição à esquerda do verbo e como estão distribuídos.

Preenchedores à esquerda do verbo	Fala		Escrita	
	Aplic./Total	Perc.	Aplic./Total	Perc.
Ausência de preenchedores	58 / 381	15%	78 / 487	16%
Negação	86 / 381	23%	92 / 487	19%
Advérbios aspectuais e focalizadores	17 / 381	5%	22 / 487	4%
AdvPs e PPs – locativos/temporais	31 / 381	8%	54 / 487	11%
Relativos/Subordinativos/Interrogativos	40 / 381	10%	95 / 487	20%
Marcadores/Coordenativos	49 / 381	13%	82 / 487	17%
DPs lexicais	24 / 381	6%	14 / 487	3%
DPs pronominais	76 / 381	20%	50 / 487	10%

Tabela 4: Tipos de preenchedores

De acordo com a tabela 4, verificamos que a ausência de preenchedores, como (29) e (30), apresenta percentuais de 15% na língua falada e 16% na língua escrita, indicando, assim, que há, de fato, uma rejeição em realizar o verbo em primeira posição. A seguir, a negação apresenta percentuais de 23% e 19% na língua falada e na língua escrita, respectivamente, como (31) e (32), corroborando, assim, os dados de Marins (2013) que destaca o alto percentual desse elemento nas construções existenciais do português brasileiro.

(29)– *teve* uma evolução muito grande assim um melhoramento [...] (L7L456)

(30) *Há* hoje, claramente, uma percepção de que o diálogo cultural adotado pelo regionalismo foi crucial para a conservação dos elementos [...]. (5PGM)

(31) – **não** *tem* um lugar para andar de bicicleta (L55L2093)

(32) [...] **não** *há* dualismo, **não** *há* duas sociedades no interior [...]. (2PGM)

7. Ressaltamos que os dados de fala foram extraídos do trabalho de Vitória (2013).

Em seguida, temos as realizações dos advérbios aspectuais e dos focalizadores que apresentam percentuais de 5% na língua falada e 4% na língua escrita, como (33) e (34). Os sintagmas adverbiais e os preposicionais - AdvPs e PPs (locativos e temporais) apresentam, na fala e na escrita, percentuais de 8% e 11%, respectivamente, como (35) e (36). De acordo com Franchi, Negrão e Viotti (1998), esses elementos exercem uma função de quase-argumentos nessas construções, uma vez que, no português brasileiro, as construções existenciais se ancoram “de modo generalíssimo, em um campo espaço-temporal” (p. 108).

(33) como **já** *havia* o histórico da família porque minha mãe já tinha feito aí os médicos acharam melhor investigar né? (L54L2045)

(34) Daí **só** *existem* dois caminhos: ou ele se incorpora a marginalidade – criminosa ou não – ou pressiona o recurso disponível, isto é [...]. (1PGM)

(35) [...] **na área** (de exatas) *tem* esse problema que eu acho que só é é ameniza com a experiência (L30L1197)

(36) **No artigo 5º**, *há* uma orientação para que as propostas pedagógicas das escolas sejam elaboradas consoante os preceitos da LDB. (2PGM)

Na análise, observamos que os pronomes relativos, os conectores subordinativos e os interrogativos-Q, como (37) e (38), apresentam percentuais de 10% na língua falada e 20% na língua escrita. Os marcadores discursivos e os coordenativos, por sua vez, tiveram percentuais de 13% na língua falada e 17% na língua escrita, como (39) e (40). Vitória (2013), baseada nos trabalhos de Risso (2006) e Urbano (2006), destaca que, diferentemente daqueles elementos, esses “apresentam o mesmo comportamento sintático no sentido de não contraírem uma função sintática com um elemento ou uma oração anterior e são responsáveis, mais especificamente, pelo fluxo discursivo” (VITÓRIO, 2013, p. 83).

(37) eu acho **que** *tem* vários fatores --- fator digamos educação [...] (L30L1243)

(38) Por isso é insustentável a tese de **que** *houve* no Brasil um modo de produção escravista-colonial, como algumas [...]. (2PGM)

(39) eu moro ali perto do macro – **ai** *tem* um sinal – eu fui quando eu coloquei o pé o sinal tava fechado pra eles vermelho [...] (L6L401)

(40) **Ou seja**, *há* nele uma desconstrução da chamada “dicção literária”, no sentido de trazer apenas a norma culta [...]. (5PGM)

As construções formadas com DPs lexicais obtiveram percentuais de 6% na língua falada e 3% na língua escrita, como (41) e (42). De acordo com Duarte (2003), apesar de essas sentenças apresentarem a posição de sujeito projetada e serem classificadas como possessivas locativas, essas construções podem ser vistas como um tipo específico de construções existenciais, por não apresentarem, a priori, uma semântica exclusivamente possessiva, gerando, assim, paráfrases com o verbo *haver*, como (43) e (44).

(41) **Aracaju** *tem* o café a empresa do café maratá (L47L1759)

(42) **Esses locais** *tinham* espaço para cultivo de alimentos e criação de pequenos animais [...]. (2PGM)

(43) *Há* o café a empresa do café maratá em Aracaju.

(44) *Havia* espaço para cultivo de alimentos e criação de pequenos animais nesses locais.

Por fim, com percentuais de 20% na língua falada e 10% na língua escrita, temos as construções existenciais formadas com DPs pronominais, como (45) e (46). Segundo o trabalho de Duarte (2003), essas construções são vistas como uma inovação encaixada em um conjunto mais amplo de mudanças relativas à posição de sujeito por que vem passando o português brasileiro ao passar de uma língua [+ sujeito nulo] para [- sujeito nulo].

(45) – ainda não é uma cidade por exemplo como o porte como Recife Fortaleza São Paulo Rio por outro lado ela é a décima sétima maior desse país – **você** *tem* cinco mil municípios se você olhar pela estatística ela é grande pra caramba – então *tem* essas coisas – Maceió pra mim é isso é contradição e movimento [...] (L58L2357)

(46) por isso eu digo – **você** não *tem* profissionais pra isso (L47L1781)

Com a remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, o português brasileiro tende a realizar não só os sujeitos referenciais definidos e arbitrários, mas também caminha para o preenchimento dos sujeitos não-argumentais (Cf. DUARTE, 2012). Para Avelar e Callou (2011), a implementação de *you* com referência genérica em sentenças existenciais com *ter*, como (47), pode ser relacionada à condição anti-V1 (Cf. KATO; DUARTE, 2003), o que tem levado a realização de constituintes argumentais e não-argumentais na posição pré-verbal.

(47) tem cursos que VOCÊ tem mais professor do que aluno. Então o curso de elétrica, por exemplo, VOCÊ tem 50 professores e o curso todo, todos os anos somados não tem 50 (NURC-RJ, AC/90, Inq.001, Faixa 1) (Extraído de Avelar e Callou, 2011, p. 288)

No trabalho de Duarte (2003), verificamos percentuais significativos de uso dessas construções no português brasileiro, a saber, 18% na amostra de 1980 e 37% na amostra de 2000. De acordo com os dados apresentados pela autora, na década de 1980, só houve as realizações dos pronomes *você* e *a gente* ocupando a posição de sujeito das construções existenciais, mas, na década de 2000, há as realizações de construções existenciais com os pronomes *você, a gente, eu, nós, ele/ela* e *se* , conforme podemos ver nos exemplos abaixo.

(48) **Você** não *tem* um programa educativo bom.

(49) Então **a gente** *tem* também lá é ... recreação.

(50) **Eu** não tive muitas coisas perigosas assim não.

(51) A vizinhança é ótima. (**Nós**) *Temos* vários comércios, (**nós**) *temos* mercado, (**nós**) *temos* fe(i)ra, (**nós**) *temos* fe(i)rinha.

(52) Lá, por exemplo, aonde mora a minha sogra, ela mora lá há trinta anos. **Ela** não *tem* grade na janela dela.

(53) Mas agora não **se** *vê* isso. **Se** *vê* mais é festa de rua. (Extraído de Duarte, 2003, p. 129)

Berlinck, Duarte e Oliveira (2009) também mostram a realização de construções existenciais formadas com DPs pronominais ocupando a posição de sujeito de *ter* , sendo esses pronomes os mesmos que aparecem representando o sujeito indeterminado. As autoras atribuem a implementação dessas construções à preferência, no português brasileiro, por construções existenciais formadas com o verbo *ter* , predominando, assim, o uso dos pronomes *você, nós, a gente* e *eu* , conforme podemos observar nos exemplos a seguir.

(54) por exemplo, numa igreja hoje **você** *tem* imagens que representam uma ideia religiosa, uma série de coisas, mas que estão lá para ser vistas também. (EF SP)

(55) [...] **a gente** observa que as frutas dos outros estados são totalmente diferente ... com nomes estranhíssimos e os que **nós** *temos* aqui têm nomes diferentes noutras regiões, ne? (DID RJ)

(56) então ele fazia com que nós lêssemos ... os livros, coleções, uma e outra que **a gente tem** ... sobre a formação do mundo. (D2 SP)

(57) **eu tenho** uma rapaz que trabalha conosco aí no Instituto de Biologia, Edilson, que ele é de lá de Ituaçu. (D2 SSA) (Exemplos extraídos de Berlinck, Duarte e Oliveira, 2009, p. 149-150)

Na língua falada, verificamos, conforme os exemplos a seguir, dados dos pronomes *você, a gente, eu, nós, se e ele/ela*, o que indica que a fala culta alagoana reorganiza as construções existenciais lançando mão de uma série de pronomes para ocupar a posição de sujeito de *ter*, conforme Duarte (2003) e Berlinck, Duarte e Oliveira (2009). De acordo com Vitório (2013), “esses dados confirmam a tendência do português brasileiro a apresentar DPs pronominais na posição pré-verbal das construções existências com o verbo *ter*” (p. 87).

(58) eu acho que pra que **você tenha** um povo civilizado um povo que tenha mais amor pela sua cidade né? – no crescimento dela eu acho que você precisa de educação você precisa de saúde [...] (L7L461)

(59) **a gente** num *tem* um policiamento aqui (L14L96)

(60) Maceió eu digo que é uma assim é:: **eu tenho** um lado turístico – Maceió é muito voltado – Alagoas em si ela é muito voltada pra capital Maceió – o resto é interior e o que **eu tenho** é assim é a interiorização é monocultura (L30L1200)

(61) e **nós** não *temos* segurança em Alagoas (L70L2858)

(62) não **se tem** um trabalho assistencialista em Alagoas (L67L2556)

(63) aqui onde eu moro eu tenho banco, mas onde minha irmã mora **ela** não *tem* banco – **ela** não *tem* nem posto de saúde (L55L2119) (Exemplos extraídos de Vitório, 2013, p. 86-87)

Na língua escrita, por sua vez, devido às pressões normativas, verificamos apenas as realizações de *se* e *nós*, o que mostra que os pronomes utilizados nas construções existenciais com *ter* são os mesmos que aparecem representando o sujeito indeterminado. Um fato a destacar no uso do pronome *se* é que, dependendo da composição de sentido determinado pelos termos da sentença, a expressão de existência pode ser estabelecida tanto com SE+TER, como (64) e (65), quanto por TER+SE, como (66) e (67). O pronome *nós* ocorre quase categoricamente nulo, como (68) e (69).

- (64) Grandes questionamentos surgem, quando *se tem* como tema a cultura. (5PGM)
- (65) Para que *se tenha* uma eficiência ideal em uma CSNS seria necessário minimizar as perdas por recomposição [...]. (3PGM)
- (66) *Têm-se* dois estágios de deterioração da estrutura, o primeiro estágio de iniciação corresponde ao período de tempo que leva para o agente agressor atingir armadura, é a vida útil de projeto. O segundo estágio de propagação corresponde [...]. (1PGF)
- (67) No gráfico 8, *tem-se* uma referência quanto à relação água/cimento que poderá embasar as especificações do projetista [...]. (1PGF)
- (68) Em 1963 *temos* a edição do Estatuto do Trabalhador Rural e em 1964 a promulgação do Estatuto da Terra, no primeiro governo do regime militar. (1PGM)
- (69) Na figura 5 *temos* o perfil característico do crescimento de um microorganismo unicelular. (3PGF)

Avelar (2009) argumenta que o uso de *você* em sentenças existenciais formadas com o verbo *ter*, como (70), corresponde a um pronome indeterminado, idêntico ao pronome que aparece em sentenças não existenciais, como (71), porém, na sentença existencial, não há uma relação temática entre o verbo existencial e o pronome. Segundo a proposta apresentada pelo autor, *você*, em construções existenciais com o verbo *ter*, não é gerado diretamente na posição de sujeito, ou seja, em [Spec, TP], mas em uma posição temática dentro do predicado locativo, que é parte da coda das construções existenciais.

- (70) (*Você*) tinha poucos computadores na década de sessenta.
- (71) *Você* pode encontrar roupas bem baratinhas no centro.
- (72) (Exemplos extraídos de Avelar, 2009, p. 2)

Se considerarmos, em nossa análise, que tais DPs são, de fato, indeterminados, podemos argumentar que o uso desses elementos, tanto na fala quanto na escrita, se comportam da mesma maneira que as estratégias de indeterminação do argumento externo no português brasileiro, conforme Cavalcante (1999), Duarte (2007), Rumeu (2011) e Vargas (2012).

3.3. Variável extralinguística

Pesquisas linguísticas tendem a mostrar, de maneira sistemática, que quanto maior a escolaridade e a faixa etária dos falantes maior o uso de *haver*, embora o uso de *ter* seja sempre mais expressivo na língua falada. Em nosso estudo, consideramos, na análise da língua falada, os grupos de fatores faixa etária e sexo, e, na análise da língua escrita, a variável sexo. No entanto, apresentaremos apenas os dados obtidos para a variável faixa etária, tendo em vista que a variável sexo se mostrou, tanto na fala quanto na escrita, estatisticamente não significativa.

Para a análise da variável faixa etária, consideramos os fatores F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e obtivemos os seguintes resultados:

Construções existenciais	F1 (15-29 anos) Aplic./Total %	F2 (30-44 anos) Aplic./Total %	F3 (+ 44 anos) Aplic./Total %
Ter	84 / 109 77%	62 / 106 59%	77 / 166 46%
Haver	2 / 109 2%	11 / 106 10%	19 / 166 12%
Existir	2 / 109 2%	8 / 106 7%	17 / 166 10%
Ter pessoal	21 / 109 19%	25 / 106 24%	53 / 166 32%

Tabela 5: Construções existenciais na variável faixa etária. Fonte: Vitório (2013, p. 84)

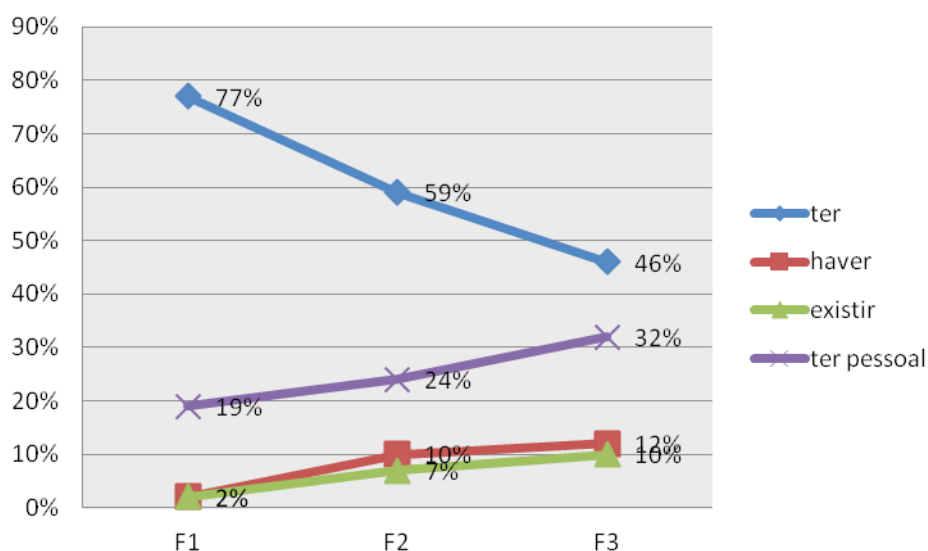


Gráfico 8: As construções existenciais na variável faixa etária. Fonte: Vitório (2013, p. 84)

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que as construções existenciais formadas com *ter* tendem a diminuir com o aumento da faixa etária dos falantes, enquanto as construções com *ter pessoal*, *haver* e *existir* tendem a aumentar, mostrando uma representação gráfica que sinaliza uma mudança em tempo aparente. Também verificamos que, em todas as faixas etárias, *ter* é a forma verbal preferida, atingindo, entre os falantes mais jovens, um percentual de 77%. No que diz respeito às realizações de *ter pessoal*, obtivemos percentuais de 19% na F1, 24% na F2 e 32% na F3, mostrando, assim, que os falantes mais velhos empregam com maior frequência as existenciais com a posição de sujeito preenchida.

As construções existenciais formadas com o verbo *haver* apresentaram percentuais de 2% na F1, 10% na F2 e 12% na F3, indicando que, na F1, quase não há realizações dessas construções, pois são os falantes das F2 e F3 os responsáveis pelas poucas realizações dessas construções na fala culta alagoana. Quanto ao uso de *existir*, também obtivemos um percentual de 2% na F1, mas, nas F2 e F3, computamos percentuais de 7% e 10%, respectivamente. Esses dados confirmam o caráter de verbo existencial substantivo tanto de *existir* quanto de *haver* no português brasileiro, conforme a proposta de Avelar (2006a).

Considerações finais

Tendo em vista as mudanças por que tem passado o português brasileiro no que se refere à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (DUARTE, 1993, 1995, 2007, 2008; CAVALCANTE, 1999; COELHO, 2000; SPANO, 2002; BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2009), destacamos que um dos efeitos colaterais dessa mudança é a implementação do verbo *ter* possessivo em contextos existenciais (AVELAR; CALLOU, 2007), o que tem gerado uma preferência por *ter* sobre *haver* e *existir* e essa preferência tem favorecido a implementação de construções existenciais formadas com o verbo *ter pessoal*.

Na fala culta alagoana, confirmamos que *ter* é o verbo existencial canônico, o que tem favorecido a realização de construções existenciais com *ter pessoal* tanto na fala quanto na escrita, apresentando *haver* e *existir* baixas frequências de uso. Na escrita acadêmica, por sua vez, *haver* é a variante de prestígio e a quase não realização de *ter* pode ser associada ao fato de que há uma tendência, nos manuais normativos, a condenar tal uso, mostrando que a recuperação/manutenção de *haver* na escrita é, sem dúvida, fruto do processo de escolarização, embora, aos poucos, formas inovadoras estejam se implementando na escrita.

Nossos dados sinalizam que a escrita acadêmica sofre forte influência do trabalho escolar, uma vez que as variantes de menor prestígio na fala culta alagoana – *haver existencial* e os pronomes *se* e *nós* em construções existenciais com *ter pessoal* – passam a ser as formas preferidas na escrita acadêmica, excluindo quase categoricamente as formas selecionadas na língua falada. Outro ponto a destacar é

que, na língua escrita, o uso de *ter pessoal* na primeira pessoa do plural ocorre com o pronome preferencialmente nulo, contrariando também a tendência da língua falada ao pronome expresso.

O que verificamos é que nossos dados vão ao encontro dos estudos linguísticos que mostram que, no português brasileiro, *ter* é o verbo existencial canônico e a preferência por esse verbo favorece a implementação de construções existenciais formadas com o verbo *ter pessoal*. Os verbos *haver* e *existir*, por sua vez, na qualidade de verbos existenciais substantivos, são poucos frequentes na fala, sendo *haver* mais frequente na fala de indivíduos mais velhos, quando o verbo está no tempo passado e o argumento interno é do tipo [+ abstrato]. Na escrita mais padronizada, porém, *haver* é a variante preferida.

Artigo recebido: 22/07/2013

Artigo aceito: 03/12/2013

Referências

AVELAR, J. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 49-74, 2006a.

AVELAR, J. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, 4, p. 99-144, 2006b.

AVELAR, J. The status of the (supposed) expletive in brazilian portuguese existential clauses. In: Danièle Tork; Leo Wetzels. (Org.). *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

AVELAR, J.; CALLOU, D. Sobre a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais no português brasileiro. In: CASTILHO, A. et al. (Org.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Editora Pontes, 2007, p. 375-402.

AVELAR, J.; CALLOU, D. Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca. In: SILVA, A.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Org.). *Línguas pluricêntricas: variação linguística e dimensões sociocognitivas*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2011, p. 287-299.

BERLINCK, R.; DUARTE, E.; OLIVEIRA, M. Predicação. KATO, M.; NASCIMENTO, M. *Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 85-100, 2000.

CALLOU, D.; DUARTE, E. *A fixação do verbo ter em contextos existenciais*. Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2005.

CAVALCANTE, S. *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca dos séculos XIX e XX*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 1999.

COELHO, I. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese de Doutorado. UFSC, 2000.

DUARTE, E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

DUARTE, E. *A perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. IEL-UNICAMP, 1995.

DUARTE, E. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. São Paulo: 7 Letras, 2003, p. 123-131.

DUARTE, E. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 89-115, junho 2007.

DUARTE, E. O sujeito de referência indeterminada em sentenças infinitivas. *Revista do Gel*, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 9-30, 2008.

DUARTE, E. (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.

DUARTE, E.; KATO, M. *Mudança paramétrica e orientação para o discurso*. Congresso da ALI, Braga, Portugal, 2008.

DUTRA, C. *Ter e haver na norma culta de Salvador*. Dissertação de Mestrado. UFBA, 2000.

FRANCHI, C.; NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. *Revista D.E.L.T.A.*, vol.14, n. especial, p. 105-131, 1998.

KATO, M. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M.; KOLLER, E. TEXEIRA, J., LEMOS, A. (Orgs.). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (U. do Minho), 2005.

KATO, M.; DUARTE, E. *Semantic and phonological constraints on the distribution of null subjects in Brazilian Portuguese*. Comunicação apresentada no NWAV32, realizado na Universidade da Pensilvânia, em outubro de 2003.

MARINS, J. *As repercussões da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com ter e haver no PB e no PE*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2013.

MARTINS, L.; CALLOU, D. Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções ter/haver existenciais. In: ENCONTRO DO CELSUL, 5, 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba: 2003, p. 820-825.

- RISSO, M. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C; KOCH, I. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 1. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- RUMEU, M. Estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em jornais portugueses e brasileiros. *Veredas on line – aemática*, p. 49-65, 1/2011.
- SARAIVA, E. *As construções TEM-SE no português brasileiro escrito: uma análise sociofuncionalista*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2013.
- SILVA, R. *Variação ter/haver na fala pessoense*. Dissertação de Mestrado. UFPB, 2001.
- SPANO, M. *A ordem V SN em construções monoargumentais na fala culta do português brasileiro e europeu*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2002.
- URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C; KOCH, I. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 1. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- VARGAS, A. A evolução na representação das estratégias pronominais de indeterminação. In: DUARTE, E. (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1933-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.
- VITÓRIO, E. Um estudo sobre a variação ter e haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. *Revista Eletrônica Via Litterae*, Anapolis, v. 2, n. 1, p. 75-87, jan. / jun. 2010.
- VITÓRIO, E. A alternância de ter/haver existenciais na fala maceioense. *Interdisciplinar – Revista de Estudos de Língua e Literatura*. Ano VI, V. 14, p. 77-85, 2011.
- VITÓRIO, E. *Ter/haver existenciais na fala alagoana: variação estável ou mudança em progresso?* Tese de Doutorado. PPGLL/UFAL, 2012a.
- VITÓRIO, E. A alternância dos verbos ter e haver em construções existenciais na escrita jornalística. In: SINIEL, 2012b, Recife. *Anais...* Recife: 2012b, p. 434-450.
- VITÓRIO, E. As construções existenciais e a representação do sujeito pronominal. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro, volume 9, número 2, dezembro de 2013.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].